

Restaurante é acusado de homofobia ao negar promoção a casal gay em SP

Estudantes dizem que desconto para casais em rodízio lhes foi negado. Estabelecimento em Ribeirão Preto nega preconceito e alega mal-entendido.

Amanda PioliDo G1 Ribeirão e Franca



Caroline e Natália levaram o caso à Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual (Foto: Adriano Oliveira/G1)

Um casal homossexual alega ter sido vítima de discriminação em um restaurante de comida japonesa em **Ribeirão Preto** (SP). Segundo as jovens, um garçom, que se apresentou como gerente do estabelecimento, negou a elas a promoção de um rodízio oferecido para casais e, de forma constrangedora, explicou que o desconto só valia para um casal formado por um homem e por uma mulher.

Ainda de acordo com as vítimas, o funcionário chegou a usar frascos de molho shoyu - um normal e outro light - para explicar que eram diferentes e que por isso seriam um casal.

O caso foi registrado na Polícia Civil como constrangimento não-criminal, e não ilegal, como o **G1** informou anteriormente. Uma denúncia foi feita à Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual, da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.

O advogado do restaurante Shogá Japanese Food, Gustavo Defina, diz que houve um mal-entendido sobre a promoção. Segundo Defina, o estabelecimento sempre esteve aberto a todos os clientes, independente da orientação sexual de cada um.

Em nota divulgada no perfil no Facebook, o restaurante pediu desculpas ao casal envolvido e àqueles que se sentiram ofendidos com o fato, porque “errou ao realizar uma promoção que deu margem a interpretações homofóbicas e constrangedoras aos clientes e amigos”.

Não nos considerar como casal é uma desconstrução para a gente. Isso nos afeta e nos constrange. Nós temos uma história."

Caroline Carvalho, estudante

Promoção

Natália da Silva Elias e a namorada Caroline Rodrigues Carvalho contam que foram ao restaurante Shogá no mês de março para jantar. Ao questionarem o garçom sobre a validade da promoção - um desconto de R\$ 30 no rodízio para casal -, as duas foram informadas de que o valor só era aplicado a casais formados por homens e por mulheres.

“Ele falou que a gente não se enquadrava na proposta. Perguntamos o que ele queria dizer com isso e ele começou a falar que não tinha preconceito, tentou mascarar, mas falando que casal era composto por um homem e uma mulher”, diz Natália.

Segundo Caroline, o garçom seguiu para uma explicação prática sobre a constituição de um casal. “Ele pegou um vidro do molho [de soja] normal e outro do light para dizer que ambos eram diferentes, por isso representavam um casal. Na hora, eu fiquei indignada e falei que ele não precisava desenhar”, diz.

Caroline conta que, apesar da situação, o funcionário não se mostrou contrário à relação das duas, mas se contradisse várias vezes ao falar dos clientes alvos da promoção. “Ele chegou até a dizer que se fosse um casal de irmãos também valeria. A questão era ser um homem e uma mulher, mas isso não caracteriza necessariamente um casal”, afirma.

Natália diz que outro funcionário do restaurante chegou a insinuar que elas precisariam comprovar o relacionamento por meio de algum documento. “Quando já estávamos do lado de fora, ele acabou falando que não solicitava nada a casais heterossexuais porque era mais normal. Isso legitimou a discriminação.”



As estudantes afirmam ter sido de vítimas de discriminação (Foto: Adriano Oliveira/G1)

As namoradas chamaram a polícia para registrar o boletim de ocorrência, porque entenderam que tal postura caracterizava homofobia. “Chamamos apoio para garantir nossos direitos, porque não nos

considerar como casal é uma desconstrução para a gente. Isso nos afeta e nos constrange. Nós temos uma história”, afirma Caroline.

Denúncia

A ocorrência foi registrada como constrangimento não-criminal. Por causa do registro, que não cita discriminação sexual, as jovens procuraram a Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual de São Paulo, para questionar o caso perante a legislação estadual.

Segundo a coordenadora Heloisa Gama Alves, será aberto um processo administrativo, que deve ser concluído em três meses. “A lei estadual 10.948/01 veda expressamente esse tipo de situação. As pessoas precisam saber que preconceito tem consequências”, diz.

Se ficar provado o descumprimento da lei, o restaurante pode ser punido com advertência e até mesmo uma multa, que pode chegar a R\$ 60 mil. Ainda segundo Heloisa, a Coordenadoria teve informações sobre outros casos parecidos no restaurante e vai investigá-los.

Para Natália, a denúncia é importante para que o caso não se repita. “Eles [restaurante] precisam repensar a postura diante desse tipo de situação. Não é questão de indenização. A gente só quer questionar legalmente o estabelecimento para que isso não aconteça novamente com outras pessoas.”

Em momento algum houve discriminação. Foi falado que reconheciam a condição afetiva delas, mas que o escopo da promoção não atendia pessoas do mesmo sexo.”

Gustavo Defina, advogado

Mal-entendido

Ao **G1**, o advogado do restaurante, Gustavo Defina, disse que houve um mal-entendido em relação à promoção. “Existia uma promoção para o casal, homem e mulher, porque senão chegava uma turma de amigos, seja só de homens, seja só de mulheres, que falava que ia pagar só o casal. Era só para ter uma distinção do preço normal de tabela, dos valores cobrados pelo restaurante, porque se não tivesse distinção nenhuma, todo mundo podia chegar lá de par e falar que queria pagar R\$ 99.”

Segundo Defina, em nenhum momento o garçom tratou o casal com preconceito por causa do relacionamento. “Ele só explicou que o conceito de casal era homem e mulher. Em momento algum houve discriminação, inclusive, elas não foram convidadas a se retirar. Foi falado que reconheciam a condição afetiva delas, que respeitavam isso, mas que o escopo da promoção não atendia pessoas do mesmo sexo”, afirma.

No perfil no Facebook, o restaurante publicou um pedido de desculpas às estudantes e aos demais clientes.

“Queremos esclarecer que não concordamos com absolutamente nenhum tipo de preconceito ou discriminação, de qualquer ordem, sendo certo que o garçom em questão já foi formalmente advertido. Até porque, como todos sabem, lidamos com diversos funcionários - pessoas - e estes, infelizmente, estão sujeitos a transmitir informações equivocadas e que não representam a efetiva posição e opinião do 'Shogá'. Informamos, ainda, que jamais tivemos a intenção de discriminar e causar desconforto a nossos clientes, amigos ou quem quer que fosse, motivo pelo qual sinceramente pedimos desculpas a todos.”

<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/04/restaurante-e-acusado-de-homofobia-ao-negar-promocao-casal-gay-em-sp.html>

21/10/2015 13h18 - Atualizado em 21/10/2015 18h09

Justiça condena a 9 anos acusado de agredir jovem com lâmpada em SP

Jonathan Domingues agrediu Luís Alberto Betonio na Av. Paulista em 2010. Ele deverá responder por crime qualificado por motivo torpe e asfixia.

Do G1 São Paulo

A Justiça condenou nesta terça-feira (20) Jonathan Lauton Domingues, de 24 anos, a uma pena de 9 anos de prisão por participação na agressão ao estudante Luís Alberto Betonio, em novembro de 2010 na Avenida Paulista. A vítima foi atingida por uma lâmpada por um adolescente amigo do réu. Ele ficou 45 dias na Fundação Casa à época do crime.

Domingues, que tinha 19 anos na época do crime, foi condenado por tentativa de homicídio triplamente qualificado por motivo torpe (homofobia), porque agiu com surpresa, impossibilitando a defesa da vítima, e por asfixia, aplicando um golpe mata-leão e sufocando a vítima com o joelho. Ele está foragido.

A sentença do júri popular, conduzido pela juíza Renata Mahalem da Silva Teles, foi dada nesta terça-feira (20) e divulgada nesta quarta (21). O defensor público que representa o réu pode entrar com um recurso contra o júri. A Defensoria Pública de SP informou que "recorreu da decisão de condenar Jonathan Lauton Domingues, pois entende que não há provas no processo que indiquem a intenção de matar".

O advogado da vítima comemorou a condenação. "Esta decisão acalenta, conforta saber que não ficou impune a pessoa que causou um grande estrago na vida dele [Luís Alberto Betonio]. Esse evento trouxe um prejuízo muito grande não só físico, mas psicológico e social até hoje", disse Felipe Mello de Almeida.

A vítima caminhava com mais dois amigos quando foi atacada pelo grupo formado por Domingues e mais quatro rapazes, que na época eram menores de idade. Na sentença, a magistrada ressalta que o delito praticado foi movido por discriminação e pelo réu nutrir "verdadeiro ódio por homossexuais".

De acordo com Luís Alberto, naquela manhã de 14 de novembro, ele voltava da balada com dois amigos da faculdade. Eles caminhavam pela Avenida Paulista. “A gente estava saindo de uma lanchonete, indo embora para casa. Eram umas 6h. Aí a gente se depara com esses cinco meninos que estavam vindo no sentido oposto”, disse Luis Alberto em [entrevista ao Fantástico](#) em dezembro de 2010.

Eram quatro menores e Jonathan Lauton Domingues, então com 19 anos. Segundo a polícia, Jonathan é o que aparece de bermuda nas imagens da câmera de segurança.

Outro jovem do grupo trazia duas lâmpadas fluorescentes na mão. De repente, um grito. “Na hora em que eu olho, ele já acerta com a lâmpada no meu rosto. Na hora em que eu coloquei a mão no rosto, já estava saindo sangue. Ele vem com a segunda, e eu me defendo. Os outros começaram a rir. E eu já vou para cima. Ele ainda taca o restante da lâmpada que estava na mão dele”, diz.



Luís Alberto foi agredido quando tinha 23 anos (Foto: Reprodução/ TV Globo)

A briga continua fora do alcance da câmera. O rapaz de bermuda, Jonathan, corre para dominar Luís. “Ele vai e me dá uma gravata. Aí eu fico imóvel, não tenho como me defender. Os outros já começam a me agredir, com soco e chute. Eles batiam muito na cabeça”, lembra.

Um segurança interrompe o espancamento e os suspeitos fogem. “Se não fosse o segurança na hora, para defender, eu tinha morrido, porque eles não iam parar.” De acordo com a investigação, ao todo, cinco pessoas foram surradas pelo grupo naquele fim de semana.

Leia a nota na íntegra da Defensoria Pública do Estado de São Paulo
A Defensoria Pública de SP informa que recorreu da decisão de condenar Jonathan Lauton Domingues, pois entende que não há provas no processo que indiquem a intenção de matar. O recurso foi apresentado tão logo foi anunciada a decisão do júri. É importante frisar que Jonathan foi absolvido da acusação de furto que lhe era imputado e que não era ele o rapaz flagrado por câmeras desferindo golpes com uma lâmpada.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/justica-condena-9-anos-acusado-de-agredir-jovem-com-lampada-em-sp.html>

‘É traumatizante, mas há vida após um ataque homofóbico’

Advogado relata episódio que sofreu em São Paulo; esta quarta marca o Dia Internacional de Combate à Homofobia

Juliana Diógenes, O Estado de S.Paulo

17 Maio 2017 | 06h00

SÃO PAULO - No Dia Internacional de Combate à Homofobia, o Estado ouviu o advogado André Cardoso Gomes Baliera, que foi vítima de homofobia na Avenida Henrique Schaumann. Confira a seguir o relato:

“Eu vinha descendo a pé a Rua Teodoro Sampaio, por volta das 18 horas de uma segunda-feira (3 de dezembro de 2012). Estava claro. Fui atravessar a Avenida Henrique Schaumann e, mesmo com fones de ouvido, escutei que falavam algo para mim. Tirei os fones, percebi que eram dois homens em um carro e ouvi que me chamavam de ‘viado!’ e ‘bicha’. Não tinha costume de ficar quieto, então xinguei. Começou uma troca de ofensas. Quando o semáforo abriu, o motorista fez o improvável: da pista central, cruzou a fileira de carros e parou no posto onde eu estava. Dois desceram do carro.

Fiquei muito assustado. Estou até com a mão gelada aqui só de me lembrar.



‘Algumas situações não me permito mais’ Foto: Gabriela Biló/Estadão

Sabe quando você começa a perceber que não está lidando com pessoas normais? Não que fosse normal também eu xingar alguém. Mas não foi a primeira vez nem a última em que fui xingado e reagi. Normalmente, as pessoas que me ofendem, quando são interpeladas, saem e me deixam em paz. Só que começaram a me agredir violentamente, com chutes e socos, não sei dizer o que aconteceu.

Não sei qual é o limite entre ter esquecido tudo e desmaiado. Não sei dizer, por exemplo, se doeu fisicamente. Começaram me batendo no posto de gasolina e a violência terminou no meio da Teodoro Sampaio. Lembro do olhar de uma mulher, que estava no carro onde me jogaram e me bateram. Era uma cara de desespero. É uma das poucas imagens que tenho.

No começo, a minha vida foi tomada pelo fato. Fui ‘a vítima de homofobia’, antes de ser André, estudante de Direito e bancário. Fiz terapia por mais de

um ano. Depois, fui retomando a vida. Precisava continuar vivendo. Se eu tinha qualquer segurança pela classe social à qual pertencço, pelo fato de estudar em uma faculdade que é mais tolerante que o padrão, por ter uma família que me acolheu sem grandes traumas, essa sensação era falsa.

Apanhei em Pinheiros, bairro nobre, com o dia claro e pessoas vendo. Hoje o trauma que carrego é não conseguir mais viver sem aquele resquício de medo, de sempre achar que se alguém está me olhando, de repente pode me bater.

Algumas situações não me permito mais. Acho muito triste, mas hoje até na Avenida Paulista fico com medo de andar de mãos dadas com meu namorado. Essa paz eles roubaram de mim completamente.

Sinto medo dos olhares das pessoas, achando que pode vir algum soco igual ao que já levei em 2012. A maioria dos gays já vive com esse receio. Mas, antes do ataque, eu não tinha. Se você pensar bem, eu era muito corajoso na época porque não achava que a minha orientação sexual fosse me levar ao hospital. Imagino que uma série de pessoas passe diuturnamente pelo que passei uma só vez. O importante é pensar que há vida após a violência homofóbica. Já é da natureza das pessoas LGBT pensar em válvulas de escape. Exponencialmente, o suicídio. É uma realidade nossa por toda a exclusão que somos obrigados a passar.

É bacana poder dizer agora, quase cinco anos depois, que minha vida retomou e poder dizer que sou feliz. Não sou o resultado do ato que sofri. Espero que as pessoas que estejam lendo isso acreditem que é possível superar um ataque homofóbico. É muito duro, triste, ruim e traumatizante. Mas há vida depois.”

ANDRÉ CARDOSO GOMES BALIERA É ESCREVENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO

<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,e-traumatizante-mas-ha-vida-apos-um-ataque-homofobico,70001787289>

Como o Google está combatendo o preconceito no trabalho

Pra Arjan Dijk, vp de marketing do Google e porta-voz do grupo de funcionários LGBT da empresa, os atos de discriminação velada e sutil que devem ser combatidos

Por **Mariana Amaro**

access time 22 abr 2015, 08h08



Arjan Dijk, VP de marketing para pequenas e médias empresas: missão de dar visibilidade aos homossexuais no mundo corporativo (Omar Paixão)

No ano passado, o Google tornou pública uma pesquisa em que admite que a empresa tem baixo índice de diversidade. As mulheres, por exemplo, ocupam somente 21% dos cargos de liderança.

Os negros são apenas 2% dos funcionários. Agora, o Google quer conhecer a orientação sexual dos empregados para aumentar a representatividade de diferentes grupos no quadro. Na companhia, um dos principais contatos com a comunidade LGBT é Arjan Dijk, vice-presidente de marketing para pequenas e médias empresas.

O executivo participa do Gayglers, grupo criado há oito anos que se tornou referência para questões de diversidade na empresa. De passagem pelo Brasil, Arjan falou à VOCÊ S/A sobre como a companhia tenta combater os preconceitos inconscientes, aqueles que nem percebemos que reproduzimos.

VOCÊ S/A- Por que aceitou a missão de falar de diversidade em nome do Google?

Arjan- Eu me sinto um pouco como um modelo para os outros funcionários. Quando eu tinha meus 20 e poucos anos, não conhecia nenhum líder que assumisse ser homossexual e fosse modelo para mim. Eu precisava pesquisar sobre isso em livros na biblioteca, porque não dava para jogar no Google naquela época.

Hoje, posso mostrar aos jovens que não importam o histórico e a orientação, eles podem chegar a ser VPs de uma grande companhia. Um de meus funcionários, de 22 anos, graduado em Stanford, me contou que, pouco antes de começar a trabalhar, seu pai o chamou e disse: “Filho, cuidado, não diga a eles que você é gay porque pode prejudicar sua carreira”. É triste que haja jovens recebendo a mensagem de que é errado ser você mesmo.

VOCÊ S/A – No Google, onde mulheres e negros são minoria, é diferente?

Arjan – O Google é um lugar mais aberto, ainda que esteja longe da perfeição. Nunca sofri preconceito declarado. Talvez porque eu sempre tenha sido uma pessoa muito confiante e determinada, que passa a mensagem “não mexa comigo”. Mas sei que precisamos avançar em muitas questões. Quando falamos de preconceito no trabalho, raramente tratamos de xingamentos ou agressões, mas de atitudes sutis.

VOCÊ S/A – Pode dar um exemplo?

Arjan – Sim, fiz uma reunião com um cliente, uma colega executiva e alguns funcionários de nossa equipe. Ela era a única mulher. A quem o cliente pediu que servisse o café? A ela. Podemos dizer que o cliente foi preconceituoso? Não exatamente. Mas será que ele teria pedido a um executivo do sexo masculino que lhe servisse o café? Nesse caso, ela agiu com humor, dizendo que era péssima em servir café e pediu a um colega que o fizesse. Caso resolvido.

VOCÊ S/A- Você já viveu uma situação dessas?

Arjan – Sempre. Um dia, estava visitando um escritório do Google e ouvi dois homens usando termos depreciativos para falar de gays. Eu disse: “Com licença, sinto interromper, mas estou sentado aqui e não estou gostando do que ouvi”. Eles pediram muitas desculpas e disseram que não tinham a intenção de ofender ninguém.

Acredito neles, mas também acho que certas palavras não podem ter espaço no local de trabalho. Temos de ser cuidadosos quanto a isso, porque cada um recebe e sente esses comentários de forma diferente.

VOCÊ S/A – Em que ponto as empresas falham em seus projetos de diversidade?

Arjan – A principal dificuldade é criar um espaço seguro para todos. Os rapazes que contavam as piadinhas não tinham consciência disso, mas estavam agindo com preconceito, um preconceito inconsciente. Para lidar com isso, criamos um treinamento — e mais da metade dos funcionários do Google já o fez.

Ele serve para ajudar as pessoas a enxergar preconceitos que elas nem sabem que têm. Estamos submetidos a uma série de influências de acordo com a época e o local em que nascemos, como foi nossa infância e família. Algumas informações acabam ficando guardadas em nosso inconsciente — a associação da mulher com a casa, por exemplo. Então, o que o treinamento faz é nos ensinar a identificar esses preconceitos para que possamos parar de reproduzi-los sem perceber.

VOCÊ S/A – Por que o Google resolveu lidar com essa questão?

Arjan – Para nós, tirar uma foto com um homem branco, um asiático e um negro, como algumas empresas fazem, não resolve as questões de diversidade. Acreditamos que as pessoas se tornam muito mais produtivas quando estão inteiras no trabalho, sem precisar esconder o que são e que, assim, a empresa terá mais sucesso.

VOCÊ S/A- O que acha de listas como a do jornal Financial Times, que o aponta como um dos principais executivos LGBT do mundo?

Arjan – Absolutamente essenciais. Você não acha estranho que na lista da Fortune dos 500 CEOs mais importantes exista apenas um abertamente gay, o Tim Cook, da Apple? Você acha que ele é o único homossexual naquela lista? Nem os mais poderosos se sentem seguros para se assumir. Eu faço o que posso sendo visível. Sei que o Google não é perfeito, mas pelo menos somos transparentes. Com mais diversidade, vamos gerar mais negócios.

VOCÊ S/A – Como abordar temas sensíveis num ambiente de diversidade?

Arjan – Simplesmente falando. Na minha equipe, por exemplo, há uma pessoa transgênero. Quando ela voltou de férias, a chamei e perguntei como queria ser identificada. Ela disse que queria ser chamada por um nome masculino. Antes da reunião, avisei a todos da equipe e, pronto, tiramos esse problema da sala.

<http://exame.abril.com.br/carreira/como-o-google-esta-combatendo-o-preconceito-no-trabalho/>

16/07/2015 18h08 - Atualizado em 16/07/2015 19h04

Conar 'absolve' Boticário por propaganda com casais gays

Publicidade não deve omitir a realidade, destaca relator de processo. Consumidores consideraram comercial desrespeitoso.

Do G1, em São Paulo



Propaganda de O Boticário mostrou diferentes casais comemorando Dia dos Namorados (Foto: Reprodução/YouTube)

O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) decidiu arquivar o processo aberto contra a **propaganda de Dia dos Namorados do Boticário, que exibiu diferentes tipos de casais**, heterossexuais e homossexuais, trocando presentes, e virou alvo de protestos e ameaça de boicote à marca.

Em reunião realizada nesta quinta-feira (16), o Conselho de Ética do Conar decidiu rejeitar por unanimidade o pedido de retirada do ar do comercial.

O processo foi aberto em junho, após o órgão receber centenas de reclamações de consumidores que consideraram a peça "desrespeitosa à sociedade e à família".

Segundo o Conar, chegaram ao órgão cerca de 1 mil e-mails sobre o assunto, sendo metade reclamações e metade mensagens em defesa da propaganda.

Em nota, o Boticário afirmou que a decisão do Conar "está em acordo com a proposta da marca de abordar, com respeito e sensibilidade, a ressonância atual sobre as mais diferentes formas de amor independentemente de idade, raça, gênero ou orientação sexual, representadas pelo prazer em presentear a pessoa amada no Dia dos Namorados".

'Missão da família'

O relator do processo destacou em seu voto que o comercial motrou apenas aspectos da realidade contemporânea. "Não contem com a publicidade para omitir a realidade", escreveu.

Em relação aos questionamentos de consumidores sobre como explicar às crianças as cenas exibidas pela campanha, o relator ressaltou que "está é uma missão, ainda que muito árdua, da família" e não da publicidade.

Ainda cabe recurso à decisão do Conar. Mas o julgamento desta quinta deverá servir de referência para casos semelhantes que forem levados ao órgão.

'Diversidade do amor'

A marca anunciou o lançamento do comercial como uma defesa da "diversidade do amor", "além das convenções". [Assista ao vídeo](#) da propaganda

Em comunicado divulgado após a polêmica em torno do caso, a empresa afirmou que "acredita na beleza das relações" e que "valoriza a tolerância e respeita a diversidade de escolhas e pontos de vista". Segundo a marca, a proposta foi "abordar, com respeito e sensibilidade, a ressonância atual sobre as mais diferentes formas de amor - independentemente de idade, raça, gênero ou orientação sexual - representadas pelo prazer em presentear a pessoa amada no Dia dos Namorados".



Em propaganda para Dia dos Pais, Boticário celebra a atitude da adoção (Foto: Divulgação)

Nova campanha da marca aborda adoção

Em nova campanha para o Dia dos Pais, a marca decidiu celebrar a atitude da adoção de crianças órfãs. Mas desta vez a fabricante de perfumes parece ter se esforçado para não dar margem a polêmicas.

No novo filme, dirigido mais uma vez por Heitor Dhalia, as cenas acompanham o cotidiano de um menino que descreve o suposto dia de seu nascimento e emoção do seu pai quando ele nasceu. **[Assista ao vídeo](#)**

Eu nasci que nem todo mundo, chorando", diz a narração de abertura.

De início, parece um relato do passado. A criança aparece brincando na sala de aula, depois fazendo a mala e se despedindo dos colegas. Descobre-se então que o menino está de saída do orfanato para o primeiro encontro com o seu pai que o aguarda agachado, de braços abertos ao lado da mãe.

"Meu pai também chorou. Eu tenho muita sorte, sabe, porque eu sou uma das poucas pessoas que conseguem lembrar de tudo o que aconteceu no dia do próprio nascimento", completa a narração.

O comercial "Origem" termina com a mãe entregando uma caixa de presente com um perfume da marca e desejando feliz Dia dos Pais.

<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/07/conar-absolve-boticario-por-propaganda-com-casais-gays.html>